



GNOSE

IGREJA GNÓSTICA DO BRASIL

Tradição: Huiracocha
Patriarca: Tonapa



ANO VII - Nº. 78


Arcanjo da Estação Inverno: Gabriel

Setembro 2009

Rua Sabóia Lima, 77 Tijuca - Tel.: 2254-7350 Rio de Janeiro – RJ Cep: 20521-250.
Home page: <http://www.fra.org.br> / E-mail: fraternitas@fra.org.br

A VOZ DO PATRIARCA

América, Berço da Civilização 2 (continuação)

 que teria acontecendo para causar esse êxodo? Ninguém sabe com certeza a razão, mas há várias teorias. Uma das mais plausíveis é a de que os mayas, afligidos com o elevado custo da vida, resolveram o problema emigrando e abandonando tudo, atrás de si. Há razões para se crer que a erosão do solo tivesse produzido a escassez de terra arável, enquanto que as infiltrações dos lagos diminuía o volume de água potável, arruinando o transporte de água e talvez contribuindo para uma epidemia de malaria ou de qualquer outra moléstia pestilenta.

Os mayas eram um povo supersticioso, e o fracasso das suas colheitas levou os sacerdotes a declarar que os deuses estavam descontentes. De qualquer forma, razões econômicas e especialmente o fracasso do sistema de agricultura empregada para alimentar uma população sempre crescente foi com certeza, outro fator, que contribuiu para o abandono do velho império. Porém, isso de forma alguma desmoralizou os mayas. Emigraram para a parte norte da península de Yucatán, ali a brilhante civilização daquele povo floresceu em todo o seu esplendor. Essa parte do país

não tem rios, nem correntes de água ou fontes, mas há água fresca em abundância. No subsolo, a poucas polegadas da superfície há uma camada de calcário, que é atravessada, de espaço em espaço, por poços de comunicação cheios de água.

As cidades do novo império fundaram-se próximas desses poços, e as três mais importantes foram Chicheu, Itza e Mayapan, que formaram uma tríplice aliança por quase duzentos anos. Durante quase dez séculos floresceu a cultura maya neste novo império, expandindo-se na sua forma mais fecunda, na arquitetura, na decoração e nas construções de grandes edifícios para fins religiosos e de cerimônias.

Erigiram pirâmides imensas sobre terrenos artificiais, e no cimo das pirâmides construíram grandes templos de pedra lavrada. Fabricaram e tingiam os seus artefatos de algodão de tal maneira, que excitaram a inveja dos espanhóis. Criaram cerâmicas belíssimas, esculpidas e modeladas em argila e que resistiram aos embates do tempo. Levaram observadores para estudar a trajetória dos astros e ampliar seus conhecimentos de astronomia.

Mas como a população continuasse a aumentar, originaram-se conflitos, aos quais se seguiram lutas internas pela hegemonia. As tribos querelantes apelaram para os estrangeiros pedindo ajuda para em suas lutas, e os aliados provavelmente acabaram dominando. Quando os espanhóis chegaram, no século dezesseis, a cultura maya já estava em declínio. E os espanhóis, com crueldade bárbara

acabaram de liquidá-la. Os mayas foram expulsos dos seus palácios e de seus templos. Os remanescentes refugiaram-se numa ilha de um lago situado ao sul. Os espanhóis perseguiram-nos, até ali, e os derrotaram. Os que escaparam a morte e a escravidão fugiram para a selva, e hoje os seus descendentes são, por assim dizer, os únicos habitantes da região, mas perderam muito das qualidades culturais que possuíam os seus antepassados.

Provavelmente o mistério máximo da civilização dos mayas reside sem dúvida, no processo pelo qual eles conseguiram erigir as grandes pirâmides, os templos e os palácios de tão grandes proporções, mesmo quando os comparamos às construções modernas. É quase impossível imaginar a quantidade de mão de obra despendida na construção, de uma que seja dessas antigas construções, porque a nossa maneira de pensar e raciocinar baseia-se em processos dependentes de utensílios metálicos, maquinarias, explosivos e meio mecânicos de transporte, enquanto que os apetrechos dos mayas se reduzem a força de vontade e as mãos.

As poucas e grosseiras ferramentas empregadas foram provavelmente construídas de troncos de árvores e de rochas, e com elas os mayas talharam e venceram a face da natureza, materializando os objetos que a sua imaginação concebia.

Consideremos o volume de trabalho empregado numa única construção – O templo dos Guerreiros, em Chichen Itza, por exemplo – Esse é talvez o mais belo exemplar conhecido da arquitetura maya, e ornamentava a sua cidade mais importante. Repousa sobre uma fundação de forma piramidal com 37 pés de altura e 136 pés quadrados de base. O interior da pirâmide é feito de concreto e o revestimento externo de pedra lavrada. A fundação se levanta em 4 terraços recuados, tendo as faces verticais de cada um dos terraços, com exceção do mais elevado, um friso ricamente esculpido com águias, jaguares e guerreiros.

Uma escadaria íngreme conduz ao largo

terraço fronteiro ao portal do templo. Colunas maciças de serpentes emplumadas, com as cabeças no solo e as caudas de crocodilo intumescidas erguendo-se a uma altura de 15 pés, e que dividem a entrada do templo em uma tríplice porta. Defronte desse portal, que inspira terror, acha-se inclinada uma figura humana, em tamanho natural, esculpida em pedra calcária. No interior do templo há um belo Hall, com 60 pés de comprimento, mais de 30 pés de largura e que tinha, originalmente, mais de 20 pés de altura. O teto, de arcadas magníficas, apoiava-se em colunas decoradas com imagens de guerreiros. Esse hall dá acesso a um santuário com a mesma amplitude e riqueza de decoração, contendo um altar ou trono apoiado em estatuetas decoradas e trabalhadas a semelhança de seres humanos. Originalmente, as paredes internas estavam revestidas com uma massa feita de fina areia de colorido brilhante, e decoradas com cenas da vida doméstica, campos de batalha e cerimônias religiosas.

A pirâmide e o templo, originalmente, pesavam mais de 84 milhões de libras, equivalentes, segundo os cálculos feitos, ao peso deslocado, pelo “Ilê de France”, ao monstro transatlântico da “French Line”. Tomando por base que um homem possa carregar uma carga média de 100 libras, aquele peso representa mais de 840.000 cargas homem.

E o transporte de pedra era, por assim dizer, o mais simples da empreitada. O trabalho de cortar e esculpir na pedra todos aqueles desenhos intrincados e figuras deve ter representado anos de um esforço cheio de tédio com ferramentas de pedra ou de madeira.

Por debaixo do templo dos Guerreiros descobriu-se outra construção que fora desmantelada e entulhada para servir de base a estrutura posterior. Os mayas haviam construído um grande templo, somente para aspirar a um templo maior, e usaram o seu trabalho anterior como base para o subsequente.

Essas espécies de empreendimentos atrevidos indicam em qualquer povo uma paciência indizível, perseverança e determinação, alia-

dos a um esforço organizado de grande eficiência. Esses atributos os mayas os possuíam em grande dose. As tribos estavam organizadas em monarquias limitadas e hereditárias havendo um conselho consultivo composto das cabeças das principais famílias. Havia uma casta militar separada ligada ao corpo do governo e um sistema de escravidão. E, finalmente, os sacerdotes exerciam uma tremenda influencia.

Mas, não obstante, toda essa organização e com toda a população sob o seu jugo para fornecer material humano para a guerra, as realizações dos mayas ainda nos parece impossíveis quando refletimos que tudo aquilo era executado com as mãos e uns poucos apetrechos de pedra e madeira. E como conseguiram isso? Investigadores que desenterraram e restauraram algumas das magnificas estruturas mayas respondem em parte a essa pergunta.

Enterrados no denso emaranhado da floresta tropical da península do Yucatan, encontram-se as ruínas do Egito da América, ruínas remanescentes de uma centena de cidades mortas construídas séculos atrás pelos mayas, o mais brilhante dos povos aborígenes que já habitaram este continente.

Em algumas das pirâmides, templo e palácios de dimensões imensas, encontram-se blocos de pedra calcária pesando cinqüenta toneladas. Esses blocos, cortados na rocha viva, eram transportados para o local da construção e esculpidos com figuras complicadas, e colocados sobre monólitos semelhantes para fazer, talvez, parte de um templo alto como uma torre, ou então para decorar o cume de elevada pirâmide.

E, entretanto, esses americanos primitivos não possuíam animais de transporte, nem tinham tratores, vagões ou carros para conduzir os milhões de toneladas de pedra que empregavam na construção de suas inúmeras cidades. Desconheciam o guindaste, o cabrestante, ou qualquer engenho para erguer esses blocos, e parece que não tinham igualmente conhecimento da roda, polia ou guin-

cho, tal como nós os conhecemos.

Construíram sem o auxílio das ferramentas metálicas, das estruturas de aço, cimento, tijolo, máquinas de cortar e aparelhar a pedra, explosivos, ar comprimido, gás, vapor ou eletricidade.

Quase que, unicamente, com as mãos e com o emprego de umas poucas e rudes ferramentas de madeira e pedra, conseguiram milagres arquitetônicos que dariam que pensar a engenheiros modernos. E como conseguiram isso? Há poucos anos passados ninguém sabia. Hoje, investigadores, a serviço do Instituto Carnegie de Washington, e outros institutos, que levaram anos desenterrando e restaurando as imponentes estruturas mayas, estão em condições de responder em parte, baseados no que desenterraram. Não parece, entretanto, provável, que a pergunta venha um dia a ser respondida, satisfatoriamente.

Em primeiro lugar, o material de construção dos mayas se encontra à mão. A floresta fornecia-lhes a madeira e a região do Novo Império era toda ela coberta por uma camada de calcário a poucas polegadas da superfície. O emprego do calcário, de preferência a outro produto da natureza, em si, simplificava a tarefa hercúlea a que os mayas se propunham. Essa espécie de rocha, como é encontrada na natureza, é de consistência mole, mas endurece ao ser exposta ao ar e a outros elementos. Dessa forma os mayas tinham a sua disposição um material relativamente fácil de obter e de trabalhar. Mas, mesmo assim, o empreendimento não era simples. Se collocássemos um individuo numa pedreira de calcário e o encarregássemos de talhar e lavar blocos dessa pedra sem os outros utensílios que não fossem as mãos ou os que pudessem construir com as mãos, como se arranjaria ele? Essa era o problema que os mayas tinham que resolver.

Os arqueólogos acreditam que grande parte do trabalho na pedra era realizada por meio de martelos manuais ou ponteiros. Para fabricar esses utensílios os mayas colocavam, por atrito, e de forma grosseira, arestas vivas den-

tadas ou gumes em pedras mais ou menos esféricas e mais duras que o calcário a ser trabalhado. Parece que a obsidiana foi à rocha empregada no fabrico desses utensílios para lavar. Pelo desbastamento em laminas ou lascas das camadas externas dessa substância os mayas fabricavam apetrechos com arestas aguçadas, como os índios, mais tarde, fizeram os seus arcos de sílex e as pontas das fechas.

Também usavam utensílios de madeira, fabricados com uma madeira especial que, ao carbonizar-se, tomava-se muito dura e prendia firmemente uma ponta ou gume.

Por mais estranho que pareça, não há prova de que a pedra tivesse sido serrada, como é de supor. Ao contrário, há indícios de que os blocos, em forma de colunas, e as peças maiores, como caudas e cabeças de serpentes, eram reduzidas ao tamanho conveniente pelo processo de desbastamento de grandes massas irregulares por meio de um esforço, enormemente monótono. É difícil de conceber o tempo empregado em talhar e lavar milhares de blocos de pedra em tal processo. Um canteiro maya deve ter empregado toda uma existência para esculpir uma dessas figuras complicadas, com semelhantes utensílios.

A paciência era, na verdade, uma virtude maya.

Os mayas não possuindo bestas de carga, e conforme tudo leva-nos a crer, desconhecendo a roda, pergunta-se como puderam eles transportar blocos pesando cinqüenta toneladas e guindá-los sobre paredes de templos construídos no cimo de pirâmides? Ninguém pode responder a essa pergunta com segurança, mas parece provável que os mayas usavam troncos de arvores como cilindros para deslocar os blocos ao longo do terreno. Guindá-los até o lugar que deveriam ocupar, nisso residia o verdadeiro problema. Isso, segundo tudo, indica realizado a força de braços, tarefa em si formidável.

Alguns investigadores acreditam que os blocos eram conduzidos sobre rolos e deslizavam até a base da muralha, sendo então

guindado por meio de cordas tecidas e passadas sobre postes engraxados, aparelho que se aproximava de uma polia grosseira. É pouco provável que processos mecânicos mais complicados do que esse tivessem sido empregados, e as costas gotejantes de suor de centenas de escravos devem ter-se retesado ao esforço formidável despendido na construção de um único desses templos por processos tão laboriosos.

Os mayas foram, provavelmente, os primeiros canteiros da América, e alguns arqueólogos acreditam que a arte da cantaria, neste continente, foi inventada por eles. Eles eram, sem a menor dúvida, mestres na arte de combinar argamassas. As suas argamassas com séculos de idade espantam os pedreiros modernos, por sua dureza, considerando-se que o elemento aglutinante foi unicamente, a cal. Este característico notável, diz Earl "A argamassa, provavelmente, era trabalhada durante horas, até tornar-se tão compacta como a pedra, explica ele". "Além disso, um líquido especial era empregado para tornar a pasta mais plástica, durante o tempo da moldagem e, finalmente, rebocada com a colher. Retirava-se a casca de uma árvore nativa e a colocava-se de molho num recipiente. A cal, umedecida com a mistura química obtida com essa casca, permitia dar um polimento magnífico ao se alisar a argamassa, e que era praticamente, tão resistente a ação do tempo como a mais forte dos enormes blocos de calcário. Ignora-se igualmente, se os mayas conheciam outro instrumento de nivelamento, além do olho humano. Mas, a linha e o prumo lhes eram familiares e eles os usavam com grande perícia. Penosamente eles espalhavam e dessempejavam a massa com pedaços de conchas e pedaços de madeira. Para o acabamento da superfície cimentada há prova do emprego de utensílios de madeira."

Mas, os métodos empregados para trazer e colocar os blocos de pedra no lugar deve ter sido quase tão laborioso como os empregados para desbastá-los e talhá-los na forma conveniente. (continua no mês de outubro)